

2

**EXPLORAÇÕES ANTROPOLÓGICAS: QUANDO O
CAMPO É O PATRIMÔNIO**

PATRIMÔNIO CULTURAL, LUTA E IDENTIDADE. OS INDÍGENAS PANKARARU EM SÃO PAULO

Arlete Assumpção Monteiro¹

Os Pankararu, oriundos do Estado de Pernambuco, migraram para São Paulo a partir da segunda metade do século XX em busca de melhores condições de vida. Os primeiros migrantes indígenas Pankararu dirigiram-se para o Grande ABC Paulista², abrindo caminho para que novas levas de indivíduos da aldeia fizessem o mesmo percurso.

*Eu fui um dos primeiros a chegar. Fomos para Mauá, perto de Santo André. Continuo em Mauá.... Outros depois saíram e foram para o Real Parque. Agora faço o curso de Enfermagem, em Sorocaba. Por isso, fico em Sorocaba, devido à distância e quando posso venho para Mauá...*³

Em princípios do século XXI, podemos identificar três comunidades Pankararu na cidade de São Paulo e arredores: um grande grupo na favela do Real Parque, localizada nas proximidades dos bairros de alto poder aquisitivo como o Real Parque e o Morumbi; outro grupo na Zona Leste da cidade, mais especificamente no Parque São Lucas e vizinhança; e o grupo do Grande ABC Paulista, que forma a comunidade do município de Mauá. Mais recentemente, algumas famílias isoladas são encontradas no bairro do Campo Limpo e no município de Osasco, na Grande São Paulo.

¹ Professora Titular PUC/SP; pesquisadora associada ao Centro de Memória Unicamp e Centro de Estudos Rurais e Urbanos/USP; sócia da ABA.

² Grande ABC Paulista é composto por sete municípios: Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano, Diadema, Ribeirão Pires, Mauá e Rio Grande da Serra.

³ Depoimento de aluno Pankararu da PUC/SP, 2005.

Existen también los indios que viven en la capital y trabajan allí, pero no viven en aldeas ni tienen tierra definida. Es el caso de los Pankararu, más de 1.500 indios procedentes del estado de Pernambuco y que viven en São Paulo hace tiempo⁴.

A pesquisa teve início em 2001. Os dados foram coletados através dos depoimentos pessoais gravados e/ou anotados. Fotografias foram sendo tiradas no decorrer do estudo. De dezembro de 2004 a fevereiro de 2005, uma aluna Pankararu [E. G.] ficou em Brejo dos Padres, na reserva Pankararu, Pernambuco, onde residem seus pais. Nessa ocasião, coletou fotos e fez várias entrevistas e observações⁵.

Os Pankararu: aspectos históricos

A história do grupo indígena Pankararu está relacionada à colonização portuguesa no Brasil. O nordeste brasileiro era habitado por comunidades indígenas que se diferenciavam: os Tupi, habitantes da costa litorânea, e os Tapuias, que viviam no interior – grupos de etnias e de culturas diferentes. Tapuias era a denominação dada pelos Tupis, a todos aqueles que não eram do grupo Tupi. Com a chegada dos portugueses, os indígenas do nordeste foram caçados e escravizados, e movimentos catequistas se formaram na tentativa de transformar os indígenas em cristãos. Era uma das estratégias da coroa portuguesa para conseguir viabilizar a colonização no interior nordestino. Denominada de guerra justa, legitimava a tentativa dos portugueses de converter os indígenas à fé cristã. Conflitos se formaram devido às reações do gentio. Os indígenas sofreram grandes baixas.

Os Pankararu não puderam escapar desse processo. É importante destacar que a catequização foi interrompida durante o período da presença dos holandeses em terras pernambucanas, no século XVII. Outra estratégia utilizada pelo governo português foi incentivar o casamento entre portugueses e índios. A miscigenação poderia anular a cultura e as tradições dos indígenas e mais facilmente integrá-los à sociedade, eliminando a resistência. Por muito tempo, os Pankararu

4 *Brasil. La población indígena brasileña es de 470 mil personas* (Jueves, 27 de Abril de 2006). http://www.iidh.ed.cr/comunidades/Diversidades/noticia_despliegue.aspx?Codigo=4933.

5 A professora Arlete Assumpção Monteiro orientou a aluna a registrar o que sabia sobre os Pankararu, processo que culminou com um projeto de Iniciação Científica pela PUC/SP.

tornaram-se ignorados e invisíveis. O reconhecimento oficial se deu em 1937, pelo Serviço de Proteção aos Índios.

O Estado de Pernambuco, segundo a FUNAI, possui uma população indígena de 23.256 indivíduos, distribuídos nas seguintes etnias.

Tabela 1 – Etnias indígenas no Estado de Pernambuco/Brasil

Atikum
Fulni-ô
Kambiwá
Kapinawá
Pankararú
Truká
Tuxá
Xucuru

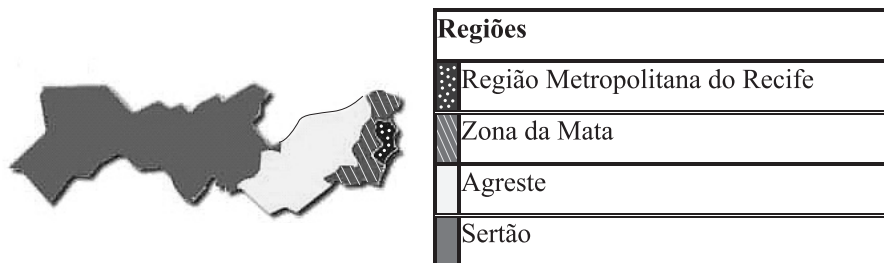
Fonte: <http://www.funai.gov.br/>

O local de origem: a reserva indígena Pankararu em Pernambuco, Brasil

Localização, aspectos geográficos e econômicos

A reserva indígena Pankararu localiza-se no Sertão [vide Mapa 1], nas proximidades da Serra da Borborema, no Médio São Francisco. Possui uma área de 8.100 hectares demarcados e homologados em 1987 e de 6.194 hectares reivindicados pelos índios, perfazendo 14.294 ha. Com a forma de um quadrado, a reserva situa-se nos atuais municípios de Tacaratu, Petrolândia [antiga Jatobá] e Itaparica, nas proximidades do Rio São Francisco, Pernambuco. O clima é árido, sendo que, na época das chuvas, rios temporários aparecem. A vegetação típica é a caatinga, com diversas espécies de cactus e de bromélias. Cajueiros, mangueiras e pinheiras completam a paisagem.

Mapa 1 – Estado de Pernambuco, Brasil, segundo regiões



Fonte: <http://www.pe-az.com.br/pernambuco/pernambuco.htm>

Tacaratu dista 450 km de Recife. Situa-se em uma das mais altas regiões do Estado, o que garante uma paisagem com vista para o Rio São Francisco. Possui 17 mil habitantes, e a principal atividade econômica é a fabricação de redes, garantindo emprego para 85% da população, uma vez que chega a fabricar 200 mil peças por mês ⁶. Uma das atrações da cidade é a aldeia dos Pankararu.

Além de ser conhecida pela sua larga produção de tecelagem, Tacaratu também tem outras qualidades que encantam seus visitantes. Com uma das maiores altitudes do Estado, a cidade oferece ao turista um clima agradável e paisagem natural admirável, com vista geral do Rio São Francisco. Outra atração do município é a aldeia dos índios Pankararus, que se dedicam ao artesanato em madeira. E é exatamente à língua dos índios Pankararus que é atribuída a origem do nome da cidade ⁷.

Petrolândia, por sua vez, anteriormente era denominada Jatobá. A criação do município ocorreu a 16 de junho de 1849, e sua sede foi elevada à categoria de cidade a 1º de julho de 1909. A 28 de setembro de 1928, a sede municipal foi transferida para Tacaratu, e o distrito de Jatobá passou à denominação de Jatobá de Tacaratu. A 09 de dezembro de 1938, Jatobá retoma sua condição de município autônomo, agora com o nome mudado para Itaparica.

⁶ Dados coletados em http://www.pe.gov.br/jornal_de_pernambuco/maio_junho_2003/destaque3.htm, acesso em 08.01.2007.

⁷ Jornal do Governo dos Municípios http://www.pe.gov.br/jornal_de_pernambuco/maio_junho_2003.

Em março de 1988, a cidade de Petrolândia desapareceu sob os 12 bilhões de metros cúbicos de água do lago da Hidrelétrica de Itaparica, hoje denominada Luiz Gonzaga, quando a companhia responsável pela construção da hidrelétrica já havia transferido toda a população para uma nova cidade, construída a 10 km da cidade original [Vide Mapa 2]. A CHESF efetuará a relocação das cidades de Rodelas (BA), Petrolândia e Itacuruba (PE) e demais povoados que serão atingidos pelo reservatório com a transferência de sua população⁸.

Jatobá localiza-se no sertão de Pernambuco, na microrregião do Araripina, distante 425 km do Recife. Com área de 277 quilômetros quadrados, Jatobá nasceu em função da expansão do setor energético. A Companhia Hidroelétrica do São Francisco, em 1977, iniciou as obras para a construção de hidroelétrica de Itaparica (hoje Luiz Gonzaga, conforme mencionado anteriormente), no rio São Francisco. Situado a 18 km da antiga cidade de Petrolândia, Jatobá deveria servir de apoio aos trabalhadores e às empresas relacionadas à obra. Em 1990, na categoria de distrito, Jatobá era subordinado à Petrolândia. Desmembrado do território de Petrolândia, o município de Jatobá foi criado a 28 de setembro de 1997, com base na Lei Estadual Complementar nº 15, de 1990, que permitia a um município ou vila solicitar emancipação, desde que atendesse a alguns requisitos, tais como ter população superior a 10 mil habitantes e apresentar o total de eleitores maior que 30% desta população⁹.

8 Fonte: <http://www.valedosaofrancisco.com.br/Economia/AproveitamentoEconomico-Hidroeletricidade.asp> [07.01.2007].

9 Fonte: <http://www.pe-az.com.br/municipios/jatoba.htm> [07.01.2007].

Mapa 2 – Localização do Estado de Pernambuco, Cidades Principais e Represa de Itaparica

Localização da Reserva Indígena Pankararu, acrescentada no mapa para o presente artigo.



Fonte: <http://www.guianet.com.br/pe/mapape.htm>

Durante muito tempo, a região de Petrolândia foi habitada por índios, representados, atualmente, pelos Pankararu. Missionários católicos e colonizadores portugueses, no decorrer do século XVIII, foram fixando-se na região, formando as fazendas Brejinhos da Serra e de Fora. Os primeiros povoados surgiram. O trabalho nas fazendas era executado pela mão-de-obra escrava africana ¹⁰.

A antiga Jatobá, atual Petrolândia, era um simples bebedouro para o gado que pastava nas propriedades, freqüentado apenas por vaqueiros à procura de rezes que necessitavam de tratamento, ou que seriam destinados à venda ou abate. Um frondoso jatobazeiro existente no local deu origem ao nome Bebedouro de Jatobá¹¹.

10 Tudo começou com os índios Pankararu. www.pernambuco.com/diario/2004/07/02/especialpetrolandia2_0.html

11 Tudo começou com os índios Pankararus. Antes da estrada de ferro, Petrolândia era apenas um bebedouro. http://www.pernambuco.com/diario/2004/07/02/especialpetrolandia2_0.html

Em 1868, teve início o estudo para construção de uma estrada de ferro que ligasse o alto e o baixo São Francisco. A construção da Estrada de Ferro de Paulo Afonso iniciou-se nove anos depois.

Em 1885, já existiam algumas casas construídas, parte delas destinadas aos administradores e funcionários do alto escalão da empresa responsável pela instalação da via-férrea. O engenheiro Eduardo Morais, um dos chefes da construção da ferrovia, prevendo que a cidade teria um considerável desenvolvimento, organizou um plano de expansão, cuja planta abrangia uma área de 40 Km². Ao término da construção da estrada férrea, a localidade desenvolveu-se rapidamente, ali surgindo um comércio próspero. A sociedade consistia na época de uma mistura de raças e culturas que foram atraídas pelo desenvolvimento econômico da região¹².

Em 1887, Tacaratu, a sede do Município, foi transferida para o povoado de Jatobá. Elevada categoria de cidade em 1º de Julho de 1909, nascia Petrolândia, que significa Terra de Pedro, uma alusão às inúmeras benesses concedidas à região pelo então imperador D. Pedro II, ao passar por aqui em visita¹³.

O comércio de Jatobá para a Bahia e para Minas Gerais era feito através de barcas. Com a construção das estradas de ferro Rio-Pirapora e Salvador-Juazeiro e da ligação fluvial entre as cidades de Pirapora e Juazeiro, a região foi decaindo, o que provocou uma crise econômica na região.

Até 1945, tentativas de desenvolver economicamente a região foram feitas sem sucesso. Com a intervenção do Ministério da Agricultura, através de investimentos nos setores de agricultura irrigada e pecuária, implantaram-se colônias agrícolas que favoreceram e incrementaram o comércio e a construção civil do município.

Brejo dos Padres é o centro da reserva indígena, uma comunidade rural do município de Jatobá.

Conta com um desordenado conjunto de pequenas casas de moradia, uma igreja dedicada a Santo Antônio, o cemitério e o posto da Fundação Nacional do Índio (Funai). Do outro lado de uma das serras, está situada Tapera, que é a segunda mais

12 Idem.

13 Idem.

importante localidade da reserva, do ponto de vista de ocupação espacial¹⁴.

Também fazem parte da reserva as localidades de Serrinha, Marreca, Caldeirão, Bem-Querer e Cacheado.

Em 2000, foram cadastrados 4.082 indígenas na reserva [vide tabela 2]. Pesquisa realizada por Carneiro da Cunha em 1999¹⁵ aponta que

Os Pankararu são em torno de 4.000 indivíduos. [...] O número de aldeias muda de acordo com os depoimentos dos índios e com os dados dos pesquisadores. Porém, pelo que pude observar, apenas quinze aldeias forma mencionadas repetidamente por eles, sendo a principal delas, a aldeia de Brejo dos Padres que possui um posto da FUNAIS, uma igreja, um cemitério e uma enfermaria, para atendimento dos casos mais simples de doença. Além desses prédios, há um grupo escolar e alguns armarinhos que vendem produtos básicos. As demais aldeias são Espinheiro, Macaco, Barroção, Serrinha, Logradouro, Barriguda, Saco, Bem Querer, Cacheado, Caldeirão, Carrapateira, Tapera, Agreste e Folha Branca.¹⁶

Tabela 2 – Distribuição demográfica da etnia Pankararu por sexo. (Cadastramento indígena – ano 2000)

FAIXA ETÁRIA	FEMININO	MASCULINO	TOTAIS
75 - +	53	45	98
70 - 74	31	21	52
65 - 69	30	23	53
60 - 64	61	55	116
55 - 59	67	48	115
50 - 54	65	66	131
45 - 49	65	75	140
40 - 44	73	84	157

¹⁴ <http://www.pe-az.com.br/indios/indios.htm> [07.01.2007].

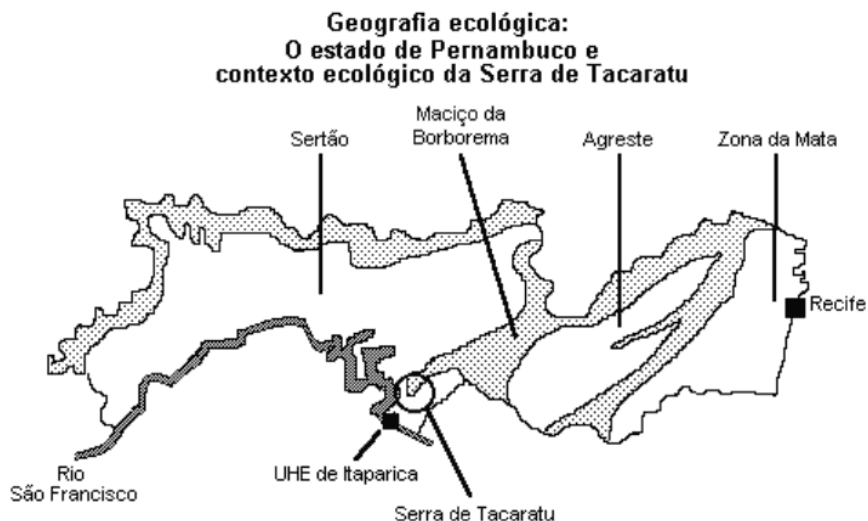
¹⁵ CUNHA, Maximiliano Carneiro da. *A música encantada pankararu*. UFPE, 1999. Dissertação de Mestrado em Antropologia.

¹⁶ CUNHA, M.C. Op.cit. (pp. 36).

35 - 39	100	97	197
30 - 34	105	106	211
25 - 29	148	148	296
20 - 24	203	203	406
15 - 19	232	250	482
10 - 14	274	277	551
5 - 9	277	268	545
0 - 4	261	271	532
TOTAIS	2045	2037	4082

Fonte: FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE/COORDENAÇÃO DE PERNAMBUCO - DISTRITO SANITÁRIO ESPECIAL INDÍGENA¹⁷.

Mapa 3 – Localização da Reserva Indígena dos Pankararu, Pernambuco, Brasil



Fonte: Povos Indígenas no Brasil. Instituto Socioambiental¹⁸.

Os habitantes da reserva se dedicam à agricultura, sendo as seguintes as principais culturas: feijão, milho, mandioca e frutas como

17 In **José Maurício Arruti**: <http://www.socioambiental.org/pib/epi/pankararu/asp.shtm>

18 <http://www.socioambiental.org/pib/epi/pankararu/amb.shtm>

pinha, caju, banana, goiaba e coco. O trabalho é familiar, e a tecnologia é rudimentar. O artesanato, baseado na produção de cestos, abanos e bolsas de cipó também fazem parte da economia da reserva. Fazem-se também vassouras, mantas e potes de barro.

O trabalho é realizado por todos os membros da família, inclusive por crianças. Uma parte da produção é vendida nas feiras das cidades circunvizinhas; a outra é destinada às cerimônias religiosas, como cachimbo de barro ou de madeira, roupas de caroá, plumagens de palhas de ouricuri, penas e maracás¹⁹.

Com a chegada da energia elétrica na década de 1980, muitas mudanças aconteceram, pois se tornou possível o uso de eletrodomésticos.

Os fogões, que antes eram no chão e à lenha, hoje, na maioria das casas, são a gás. As casas também sofreram modificações. Os índios moravam em cabanas cobertas de palha e de vão único. Dormia-se em catres, no chão, não se possuía mobília.. Hoje em dia, as casas são quase todas de alvenaria, com divisão, e uso de mesas, cadeiras, sofás e camas²⁰.

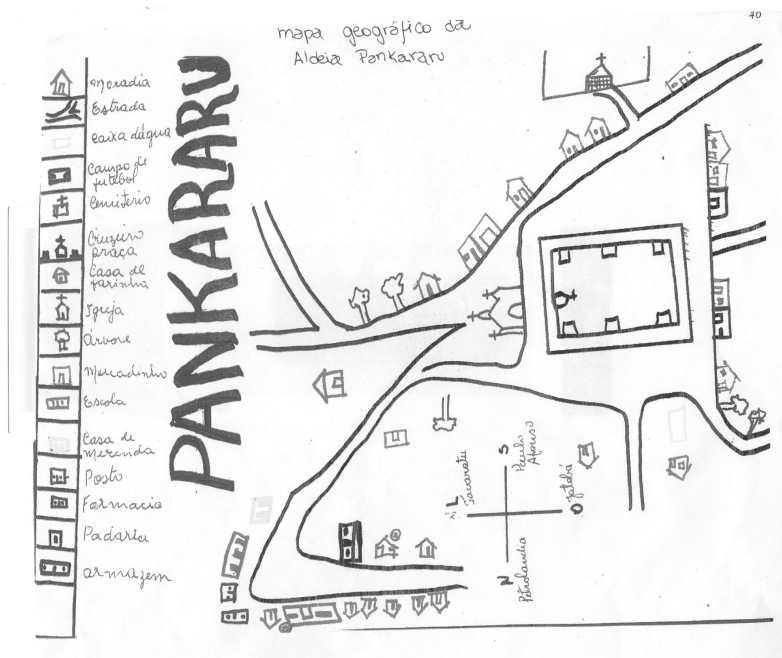
Durante muito tempo, as famílias brancas conviveram com os indígenas Pankararu. Com o aumento da população branca – posseiros –, os conflitos começaram.

A presença de brancos na área não é fato recente. Algumas das famílias estão instaladas no local há gerações, tendo convivido pacificamente durante décadas com os Pankararu e desfrutado com eles a terra sabidamente de domínio indígena. Em 1979, o aumento da população branca fez com que as relações entre posseiros e índios se deteriorassem de maneira drástica²¹.

19 Depoimento de índia Pankararu que visitou a aldeia em 2004.

20 Coleta de dados através de entrevista com aluna indígena Pankararu, 2004.

21 [Pankararu] <http://www.pe-az.com.br/indios/indios.htm>

Ilustração 1 – Desenho da Aldeia Pankararu, Pernambuco, Brasil

Fonte: Nosso Povo, Nossa Terra. Professores Indígenas de Pernambuco. Secretaria de Educação de Pernambuco, agosto de 2000.

Festas e Rituais

Apesar da influência dos brancos ter modificado fortemente os traços indígenas, o que nos torna um povo diferente é a conservação das crenças e tradições²².

Os Pankararu passaram a cultivar a religião católica através do trabalho missionário de catequese.

A partir da missão religiosa foi que se começou a fazer as noites de novenas em homenagem a Santo Antonio, padroeiro trazido pelos padres. São treze noites e cada família tem sua noite, depois da reza é oferecido comida²³.

²² Depoimento de aluna indígena Pankararu, 2004.

²³ Idem.

As crenças e rituais dos Pankararu se distribuem em cerimônias como Toré, Praia, Menino do Rancho, a Corrida do Imbu e rituais secretos, respeitados rigidamente pelos índios.

O Toré é dançado ao ar livre por homens, mulheres e crianças em qualquer época do ano. O local pode ser em qualquer terreiro.

O Toré é antes de tudo a maneira pela qual os Pankararu constroem um ato de comunhão e união do grupo. É através do Toré que eles deixam suas casa para se reunirem com a família e os amigos no terreiro, onde cantam e dançam toda a noite. Como dizem os próprios Pankararu, Toré é brincadeira de índio²⁴.

A Corrida do Umbu acontece no mês de fevereiro ou no de março, quando aparecem os primeiros frutos do Imbuzeiro. O primeiro imbu maduro é trazido no terreiro e preso ao fio entre duas forquilhas para ser flechado. Os índios pintados e os praias armados de arco e flechas tentam, um a um, acertar o imbu com a flecha. Aquele que consegue recebe um cipó resistente e convida os colegas para a prova do puxamento do cipó. Dois grupos se formam: um fica do lado nascente e procura arrastar o outro, do lado poente. O grupo que vencer define se o ano vai ser bom ou ruim para a agricultura. Em geral, a Corrida do Umbu acontece quando as moças da tribo trazem os cestos cheios de imbu e oferecem aos rapazes, formando pares para a dança. Os rapazes, com o corpo pintado de branco, durante a dança tentam proteger as moças dos golpes de Cansação, que vêm dos colegas que estão também dançando. A dança acontece nos três domingos seguintes do mês em que o primeiro fruto foi encontrado²⁵.

Os índios são pessoas nômades. Antigamente os Pankararu se chamavam Purus. Nas suas andanças, eles encontraram uma árvore que tinha um fruto e eles acharam boa para sua alimentação. Então, para que o fruto não ficasse estragado pelos insetos, eles flechavam o primeiro fruto que aparecia. Fazendo isso, o fruto ficava bom para o consumo dos índios... Os índios expõem cestos cheios de guloseimas que significa fartura; a pessoa que coloca o cesto e a que compra dança o “cansação”, uma espécie de urtiga que causa coceira pelo corpo. Dança-se o toré, e os dançarinos dançam com molhos de

²⁴ Idem.

²⁵ Relato da aluna indígena Pankararu. São Paulo, 2004.

*cansanção no ombro, eles rodam no meio do terreiro batendo a urtiga um no outro. O dançarino procura proteger sua parceira levando sempre a maior parte das chicotadas do cansanção. Os praiás ficam em volta dos dançarinos até que acabe o toré. As mulheres dançam de saias, os homens pintam o corpo de barro branco. Depois da terceira rodada, o cansanção é jogado no meio do terreiro para que todos que quiserem poder participar do toré coletivo. Os praiás dançam a noite inteira e de madrugada o Mestre Guia sai para abençoar os índios que estão no terreiro. Depois ele vai embora para somente voltar no próximo ano*²⁶.

Outro ritual é o Mestre Guia: “há ainda o ritual do Mestre Guia que é um segredo muito grande e por isso não pode ser revelado. Esse ritual acontece na Aldeia de Serrinha”²⁷.

Os Encantados

A cachoeira era um local sagrado para os Pankararu. Foi destruída com a construção da hidroelétrica. O Pankararu, quando tinha a morte anunciada pela “ciência de índio”, se dirigia para a antiga cachoeira de Paulo Afonso e se atirava nas águas, evitando a morte e tornando-se encantado. Com a destruição da cachoeira, a referência cultural foi perdida. Nascentes ou fontes de água passaram a ser locais onde os Encantados se encontram. Para os Pankararu, os Encantados são espíritos dos velhos caboclos. Os Encantados também exercem influência política. Todas as lideranças principais possuem um praiá ou um batalha de praiá²⁸.

Os Pankararu na Universidade

*Eu já tenho um curso superior. Fiz Pedagogia. Agora curso Letras, na PUC/SP – diz uma depoente. Minha irmã mora em Maceió, está vindo para Unicamp passar 3 ou 6 meses para realizar pesquisas para o Doutorado... Meu irmão fez Direito, sem bolsa de estudo*²⁹.

26 Entrevista realizada na aldeia Pankararu de Pernambuco, Sítio Serrinha, pela aluna indígena Pankararu. Festa do Umbu, janeiro de 2003.

27 Idem.

28 Idem.

29 Depoimento obtido em fevereiro de 2004.

No curso de Pedagogia da PUC/SP, no decorrer do ano 2003, duas alunas do 2º ano matutino eram Pankararu. Frequentavam o curso através de uma bolsa de estudos e recebiam ajuda de custo da FUNAI³⁰. Devido à localização de suas moradias, em bairros distantes da Universidade, o que acarretava grandes despesas com transporte, tal ajuda de custo se tornava insignificante para a manutenção e realização dos estudos. Portanto, cursar uma faculdade depende de muito esforço e perseverança para os indígenas Pankararu em São Paulo³¹. Os Pankararu do bairro Real Parque, SP, estão preocupados em congregar os indígenas de São Paulo. Realizam rituais e cerimônias Pankararu numa preocupação de manter as tradições da tribo e de transmitir às novas gerações a cultura Pankararu. Fundaram a Associação dos Índios Pankararu³². Os Pankararu que residem na zona Leste de São Paulo também fundaram a Associação dos Pankararu da Zona Leste, com grande empenho de uma das alunas do Curso de Pedagogia da PUC/SP, que assumiu a vice-presidência da associação³³. Pode-se dizer que a universidade tem contribuído com a formação da consciência política dos indígenas e na percepção da importância do patrimônio cultural material e imaterial que possuem, assim como com desenvolver iniciativas de participação em políticas públicas para garantir a perpetuação da rica cultura do grupo. Os Pankararu constituem o maior grupo de alunos indígenas na PUC/SP. Começaram a frequentar a universidade em 2001. Organizaram-se através do empenho de uma professora³⁴ que formou o Projeto Pindorama, para dar apoio aos alunos indígenas que passaram a frequentar a universidade [vide foto 2]. Ingressam na universidade através de seleção, concorrendo, igualmente, às vagas nos diferentes cursos como Pedagogia, Enfermagem e Letras em sua maioria e, em menor número, nos cursos de Administração de Empresas e de Economia. Em 2005, a primeira turma se formou. Em dezembro de 2006, os formandos indígenas realizaram um encontro na universidade apresentando suas danças. A cultura indígena na

30 Foi a realidade vivenciada pelas alunas e as particularidades de suas histórias de vida que despertaram o interesse em iniciar uma pesquisa sobre Migrações Recentes para São Paulo.

31 Dados coletados pela pesquisadora.

32 Dados coletados através de depoimentos orais, 2003.

33 Elena Gomes. Graduiu-se em Pedagogia em 2005.

34 Prof.^a Ana Bataclin.

universidade tem propiciado maior conhecimento da realidade indígena brasileira – até então desconhecida do corpo discente e de outros setores da universidade.

Foto 1 – Ritual da Aldeia Pankararu, Pernambuco



Fonte: acervo da pesquisadora AAM. Fotografia trazida pela aluna indígena [PUC/SP] Pankararu, EG, em visita à aldeia, 2004.

Foto 2 – Alunos Indígenas Pankararu PUC/SP. Encerramento do ano letivo 2005.

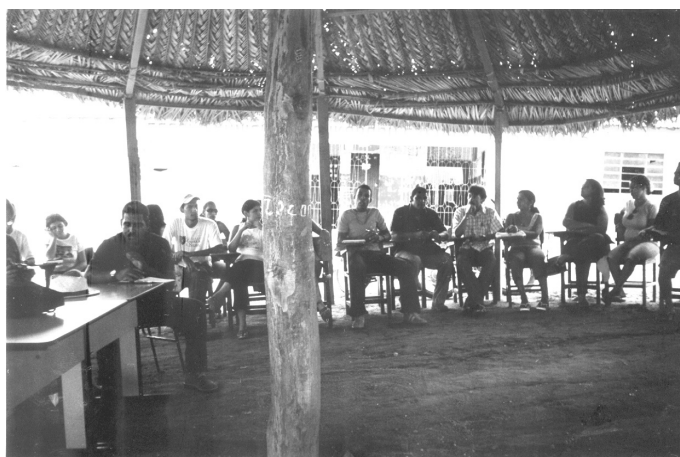


Fonte: acervo da pesquisadora AAM. Fotógrafa: Arlete Assumpção Monteiro. As crianças que aparecem na foto são filhas e ou irmãs dos estudantes universitários de diferentes cursos da PUCSP, que também compareceram à reunião.

Considerações Finais

Verificou-se grande valorização da educação escolar. As crianças e jovens frequentam a escola pública, que não leva em consideração a especificidade cultural dos educandos. As escolas que atendem às crianças que continuam na aldeia em Serrinha e em Brejo dos Padres, onde se localizam vários núcleos indígenas, procuram ministrar uma educação mais próxima das tradições do grupo. Em São Paulo, os Pankararu formaram a Associação dos Pankararu do Real Parque. Em 2004, foi fundada a Associação dos Pankararu da Zona Leste. Organizam encontros e confraternizações na quadra de esportes do Projeto Cingapura, da Favela do Real Parque. Indígenas Pankararu das várias comunidades de São Paulo e arredores participam. É uma maneira de preservar, na cidade grande, a cultura e os costumes da aldeia Pankararu, construídos secularmente. Em dezembro de 2005, quando os indígenas Pankararu que estão espalhados pelo Brasil – principalmente por São Paulo e por Rondônia – foram à aldeia para visitar os familiares, ocorreu a 1ª Reunião dos Pankararu universitários, organizada pela estudante universitária de São Paulo [vide foto 3].

Foto 3 – Reunião dos indígenas universitários Pankararu, Aldeia Pankararu, dez. 2005.



Fonte: acervo da pesquisadora AAM. Foto cedida por EG.

Pode-se dizer que a organização dos índios-urbanos é um modo de preservar as tradições do grupo, de manter a família e de evitar o desvio social das novas gerações. A iniciação dos jovens que vivem nos grandes centros urbanos se faz em salas de apartamentos, como no Projeto Cingapura do Real Parque, São Paulo. Crianças vestidas de índio, em salas apertadas de apartamentos, têm rituais distintos dos da maioria da população. É a saída encontrada para preservar o patrimônio cultural. Quando jovens se orgulham por ser diferente. São Pankararu, o que os diferencia da maioria da população. Com esforço dos mais velhos, construíram o sentimento de “pertença”, ou seja, pertencem a um grupo social que lhes dá identidade e que, ao mesmo tempo, os diferencia.

Referências Bibliográficas

CUNHA, Maximiliano Carneiro da. **A música encantada Pankararu**. Dissertação de Mestrado em Antropologia. UFPE, 1999.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Tudo começou com os índios Pankararus**. Antes da estrada de ferro, Petrolândia era apenas um bebedouro. Disponível no site http://www.pernambuco.com/diario/2004/07/02/especialpetrolandia2_0.html

MONTEIRO, Arlete A. “Migrações Recentes. Um estudo sobre a valorização da Educação”. In: **Revista Educação e Subjetividades**. PUCSP, 2005 (pp. 185).

JORNAL DO GOVERNO DOS MUNICÍPIOS

http://www.pe.gov.br/jornal_de_pernambuco/maio_junho_2003

PASQUALINO, Beatriz. **Brasil. La población indígena brasileña es de 470 mil personas**. Jueves, 27 de Abril de 2006. Disponível no site: http://www.iidh.ed.cr/comunidades/Diversidades/noticia_despliegue.aspx?Codigo=4933

PORTARIA NO 2.579, DE 21 DE SETEMBRO DE 2004 DO MINISTRO DE ESTADO DA JUSTIÇA. <http://ef.amazonia.org.br/index>.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO, Nosso Povo, Nossa Terra. Professores Indígenas de Pernambuco. Agosto de 2000.

Sites

<http://www.socioambiental.org/pib/epi/pankararu/asp.shtm>

http://www.iidh.ed.cr/comunidades/Diversidades/noticia_despliegue.aspx?Codigo=4933

<http://www.funai.gov.br/>

<http://www.pe-az.com.br/pernambuco/pernambuco.htm>

<http://www.pe-az.com.br/pernambuco/pernambuco.htm>

<http://www.valedosaofrancisco.com.br/Economia/AproveitamentoEconomico-Hidroeletricidade.asp>

<http://www.pe-az.com.br/municipios/jatoba.htm>

<http://www.guianet.com.br/pe/mapape.htm>

<http://www.farmasustentavel.com.br/default.asp?cmd=destaq&id=198>